



## Formação Continuada de Professores: uma ênfase cultural

### Por que ler os clássicos

Profa. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira

É interessante responder ao questionamento “*Por que ler os clássicos na Formação Continuada de Professores*” especialmente, autores clássicos da área da educação. Vamos comentar sobre a importância de conhecer alguns dos autores clássicos da educação.

Embora pareça contraditório, a importância de ler os clássicos está naquilo que eles têm para contribuir com a educação dos nossos dias.

A definição de um clássico, em qualquer área, é a de que o conhecimento resultante da leitura é de grande valor para as ações que estamos empreendendo no momento, isto é, as ideias contidas nele ultrapassam o tempo no qual foi escrito.

Gasparin (1997) afirma que um clássico ultrapassa seu tempo e representa fonte inesgotável de conhecimentos. São leituras que se tornam conhecimentos permanentes e, mesmo em uma releitura, o leitor descobre novos saberes. Para o autor, “retornando aos clássicos, progredimos intelectualmente” (GASPARIN, 1997, p. 40).

Ítalo Calvino (1993, p. 10), no seu livro “Por que ler os clássicos” diz que “estes são conhecimentos formativos que favorecem embasamento para as experiências e que fornecem escalas de valores, paradigmas de beleza, coisas que continuam a valer sempre”. A leitura dos clássicos é um importante instrumento para se pensar a educação na sua complexidade, isto é, na relação que tem com os demais campos do saber, uma vez que abordam a questão de forma ampla, dando aos educadores melhores condições de entender as relações da educação com a sociedade, a cultura, as tradições e com as diferentes áreas de conhecimentos que a compõem.

Ao analisar a importância do conhecimento adquirido por meio dos clássicos, Nussbaum (1997, p. 67) os classifica como “uma das melhores bússolas” que os estudantes podem obter na sua formação universitária.

Essa importância não está em supostas lições imortais ou morais, mas, porque a profundidade e a diversidade das ideias adquiridas, possibilitam ao professor exercitar a reflexão com liberdade de conhecimentos diante das questões do cotidiano. Permitem também, em cada nova situação, encontrar uma nova resposta.

Um estudo realizado pela Universidade de Liverpool, na Inglaterra, divulgado em 2013, mostra que obras clássicas estimulam mais o cérebro do que uma literatura mais simples. Com a ajuda de scanners, o professor de literatura Philip Davis (2013) e outros psicólogos da Universidade de Liverpool, monitoraram a atividade cerebral de 30 voluntários enquanto liam trechos de clássicos como William Shakespeare, T.S. Eliot, William Wordsworth e outras referências literárias britânicas. Depois monitoraram a mesma atividade de leitura de textos mais simples e verificaram que, durante a leitura dos clássicos, o cérebro apresentava mais partes “iluminadas” do que a leitura de textos mais simples.

Perceberam também que esse tipo de leitura produzia uma ação mais benéfica ao leitor do que leituras de autoajuda. Isto sinaliza que a leitura dos clássicos auxilia o leitor a refletir e reavaliar suas próprias experiências. Por esse motivo, Philip Davis, responsável pela pesquisa, acredita que os clássicos seriam mais úteis do que livros de autoajuda.

Isto porque, os clássicos representam livros ricos em ideias, em reflexões, em descobertas. Mesmo para os que leram um clássico, quando fazem uma releitura, sempre encontram novas descobertas, pois, um clássico nunca termina de dizer tudo na primeira vez que o lemos. Nesse sentido, Gasparin (1997, p. 40) diz que:

*Clássico é um autor ou obra que não apenas lemos, mas que relemos com a mesma curiosidade, com o mesmo interesse, como se fosse a primeira vez. E a cada leitura descobrimos novos encantos, novas ideias, novas percepções da realidade que o autor nos mostra.*

A obra clássica é uma fonte perene que nos ajuda a entender quem somos e o porquê de onde estamos. São escritos por pensadores que captaram, de maneira especial, as questões da humanidade e propiciam a sensibilidade, o estímulo para uma leitura mais adequada das questões do nosso tempo e, no caso da educação, os autores clássicos dão sustentação ao nosso trabalho docente, dotando nosso discurso e nossa prática educativa de significados e conteúdos. A obra clássica tem o que dizer em todos os tempos e sociedade. Ela foi posta à prova do tempo e continua a iluminar a compreensão dos temas a que se dirige. Não a lemos com o objetivo de transpor as ideias mecanicamente para o nosso tempo, mas nelas encontramos conhecimentos para trabalhar a singularidade de cada momento histórico.

Cada época, cada cultura, cada área do saber, cada expressão da cultura possui seus clássicos. Assim temos clássicos nas artes, na música, na filosofia, na matemática, nas ciências em geral, no cinema, etc. O que eles têm em comum e o que os faz ser considerados clássicos é, segundo Gasparin (1997), a quebra de cânones tradicionais, a busca de novos horizontes frente a determinadas situações sociais, a indicação de transformação social a partir da crítica e da proposição de uma nova forma de agir, pensar, refletir, entender, planejar, reconstruir.

No entanto, o clássico não profetiza, não é uma obra desvinculada do seu tempo, de sua sociedade, de sua história. Por isso, ao estudar um clássico, ou ao ler uma obra clássica, temos que conhecer a biografia do autor, o contexto social, cultural, econômico e político em que viveu, pois é nesse cenário que a obra surgiu, que se estruturou e é no cruzamento desse contexto com as ideias da obra, que se tem um melhor entendimento das suas proposições. A partir desse referencial não podemos entender um clássico como uma soma de acontecimentos, de dados ou de fatos lineares. Ele deve ser entendido como um projeto aberto para novas construções que se faz em cada espaço social e tempo histórico.

Segundo Calvino (1993), caberia à escola, favorecer ao estudante o contato com autores clássicos para uma formação mais ampla e cultural do que a simples leitura de textos rápidos, buscando conhecimento instrumental para respostas aos problemas da sociedade. O que reina em toda parte é o

instrumentalismo estreito, o discurso da adaptação utilitária e momentânea, enquanto as questões fundamentais do próprio conhecimento são ignoradas, particularmente em um mundo onde a ideia de cultura se torna inconsistente.

Libâneo (2003) fala que a falta de educação geral é preenchida por uma semicultura que é uma espécie de cultura feita de vivências que não ultrapassam os limites impostos por uma falta de formação mais abrangente. De forma geral, os professores têm no nível superior uma formação mais técnica e menos teórica, defendida por um discurso de que a formação deve ser prioritariamente prática.

Para Libâneo (2003, p. 38), “Nossos problemas vêm de nossa formação social que nos legou uma pobreza cultural, nos legou, na verdade, uma semicultura”. Chama a atenção para o desafio que está presente na formação dos professores quanto a ser capaz de compensar a precária formação cultural, científica e estética.

A formação de professores há muito se ressentida da falta de experiência com a leitura e interpretação do pensamento de grandes autores e obras que marcaram, e marcam, a gênese de conceitos fundamentais para a educação, bem como do desenvolvimento da capacidade de análise, ponderação e embasamento sólidos para compreender a complexidade da educação.

Favorecer uma experiência com o pensamento de alguns desses clássicos é o que se pretende com estes cursos. Esperamos que o diálogo com eles favoreça um terreno fértil de questionamento, de apreciação crítica, de posicionamentos sólidos, de problematizações sobre a educação e sobre questões pertinentes a ela, como a respeito do homem, do mundo, da sociedade, do conhecimento, da escola, do aluno, do currículo, do conteúdo, entre outros. O aprendizado sistemático que a leitura e a interpretação das obras clássicas pode favorecer aos professores, os levará a empreender novas e mais qualificadas ações no cotidiano escolar.

Esperamos desta forma que as aulas apresentadas no decorrer dos cursos contribuam expressivamente para a formação continuada de vocês participantes.

## ❖ REFERÊNCIAS

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os Clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DAVIS, P. *Shakespeare and Wordsworth boost the brain, new research reveals*. The Telegraph, 13/01/2013. Acesso em 16/05/2017. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/news/science/science-news/9797617/Shakespeare-and-Wordsworth-boost-the-brain-new-research-reveals.html>.

GASPARIN, J. L. *Comênio: a emergência da modernidade na educação*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 19ª. edição. Coleção Educar. Edições Loyola. São Paulo. 2003.

NUSSBAUM, Martha Craven. *Cultivating Humanity: a classical defense of reform in Liberal Education*. Seventh Printing. Cambridge: Harvard University Press. 2003.